

Ourivesaria Tradicional e o Tombamento em Natividade

Cláudia Borges dos Santos*
Universidade Federal do Tocantins

Índice

1	Introdução	1
2	Relações entre Comunicação e Cultura	2
3	Natividade e o Tombamento	5
4	Ourivesaria Tradicional Nativitana	9
4.1	A Filigrana	11
4.2	A “Peixa”	12
4.3	Joalheria Tradicional e seus Simbolismos	14
5	A Ourivesaria Tradicional e o Tombamento	16
5.1	Tradição e Mercado	17
5.2	Manutenção da Memória	18
6	Bibliografia	19

1 Introdução

Este artigo resulta de fragmentos do Trabalho de Conclusão de Curso Jóias de Natividade: Confluências e Conflitos, defendido no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins - UFT, em 2006. Uma pesquisa que começou em 2002, a partir de um trabalho exigido na disciplina

*Cláudia Borges dos Santos é jornalista e comunicadora popular. Endereço eletrônico: claudiabrsantos@gmail.com.

Antropologia Cultural, do segundo período de faculdade. Denise Marcela Guimarães¹ e eu passamos uma semana em Natividade convivendo com os artesãos da Ourivesaria Mestre Juvenal. O resultado foram quatorze páginas sobre o dia-a-dia dos ourives-mestres e suas famílias, seu ofício e o processo de criação da Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal. A necessidade de aprofundamento em questões originadas naquele primeiro momento, levou-me a decidir por, três anos depois, retornar para lá meu olhar. E mais quatro viagens para aquela localidade trouxeram-me parte das respostas que procurava. No entanto, devido às limitações de recursos e tempo na elaboração de uma monografia de graduação, considero que, apesar das informações inéditas aqui apresentadas sobre a ourivesaria tradicional nativitana, este documento ainda se apresenta como um roteiro para pesquisas mais aprofundadas. Motivo que levou-me a repassá-lo, ainda em 2006, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Na metodologia da pesquisa aqui apresentada foram utilizados documentos bibliográficos, folclóricos, objetos e informações em sítios virtuais. Ainda, 24 pessoas foram entrevistadas, sendo utilizado o método intencional, em casos como de padre Joatan e Paulo Farsette, e entrevistas intencionais foram aplicadas aos moradores de três ruas, selecionadas aleatoriamente, da região tombada como patrimônio histórico de Natividade - TO. No último caso, as pessoas presentes nas casas foram questionadas coletivamente. As perguntas, nas duas situações, foram despadronizadas focalizadas. A observação sistemática, observação não participante, participante, individual e em equipe foram postas em prática de acordo com as circunstâncias.

Divido esta exposição em cinco partes: Relações entre Comunicação e Cultura, na qual abordo conceitos sobre Cultura e a teoria Estudos Culturais; Natividade e o Tombamento, em que a história dessa cidade e seu processo de tombamento como patrimônio histórico e artístico nacional são apresentados; Ourivesaria Tradicional Nativitana, que apresenta as características dessa arte no município de Natividade – TO, seus simbolismos e métodos de manutenção; e Ourivesaria Tradicional e o Tombamento, na qual apresento conclusões sobre as relações entre o tombamento de Natividade e a arte da ourivesaria nativitana tradicional.

2 Relações entre Comunicação e Cultura

Cultura é o ambiente onde a comunicação acontece, em que surgem os significantes e significados. A transmissão de informações, na verdade, é fundamen-

¹Então estudante de jornalismo na Universidade Federal do Tocantins.

tal para a existência da cultura. Constituída de soluções, a partir de contextos específicos, para a manutenção da espécie humana, como o desenvolvimento da agricultura, da manufatura ou do sistema industrial, é através da comunicação, ou seja, da “troca de mensagens”² que as configurações culturais são repassadas entre as gerações.

As configurações culturais são a “[...] qualidade específica que caracteriza uma cultura. Tem sua origem no inter-relacionamento de suas partes”.³ O que quer dizer que duas comunidades podem ter os mesmos traços culturais compondo sua cultura, mas o resultado produzido pelas diferentes combinações será diferente. Assim, sociedades existentes em áreas geográficas próximas, com o mesmo tipo de vegetação, solo ou clima e origem histórica parecida, como as cidades surgidas a partir da construção da BR-153, no antigo norte de Goiás, terão características culturais distintas.

A comunicação é responsável não só pela reprodução de uma cultura através da educação e aprendizagem (endoculturação)⁴ como por suas modificações. São exemplos a rotina diária adaptada aos horários das telenovelas ou dos telejornais e a interação entre duas comunidades que, com o contato, sofrem recíprocas alterações. Afinal a cultura é mutável, são soluções humanas a partir do meio físico e histórico. Johnson fala da cultura e sua íntima vinculação “[...] com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as pressões de idade”.⁵ Desta forma, estudar cultura é estudar interações. Para Edward Sapir, a cultura é “[...] um sistema de comunicação interindividual [...] um conjunto de significações que são comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo através destas interações”.⁶

A comunicação pode ser estudada sob a ótica dos meios: do rádio, da tv, dos impressos em grande escala, reduzindo a discussão às tecnologias e seus desdobramentos. Pode também ser avaliada como mediações, uma visão sobre a cotidianidade, sobre relações humanas. Um arco ou uma coluna na

²Cf. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *Quando a televisão vira outra coisa*: as estratégias de apropriação dos mediadores ativistas nas redes de comunicação cotidianas do local. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-televisao-outr-coisa.html#foot1496 Acesso em: 27 jan 2006. p. 3.

³MARCONI, Marina de Andrade. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 2001. p. 56.

⁴ Cf. *Ibid.* p. 66.

⁵ *Apud.* SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.13.

⁶ *Apud.* CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 105.

arquitetura de uma casa, os gestos na dança da súa⁷ no interior do Tocantins, os doces e licores produzidos para uma festa do Divino Espírito Santo são dizeres, manifestações. Martín-Barbero, ao pensar sobre o que podia ser estudado como troca de informações através de meio, emissor, mensagem, receptor, sobre até onde abrange ou se resume a comunicação disse: “Foi aí que percebi que falar de comunicação era falar de práticas sociais e que, se queríamos responder a todas essas perguntas, tínhamos que repensar a comunicação a partir dessas práticas”.⁸

As “mediações”, definidas por Martín-Barbero, são comumente conhecidas como estudos culturais. Os estudos culturais sugerem a queda dos muros levantados pelas diferentes disciplinas, da limitação aos objetos e aos métodos. A realidade vivida não é fendida. A vida doméstica é influenciada pela profissional, a religiosidade influi na sexualidade, que interfere no acesso à cidadania. Assim como se confundem as relações de poder em uma comunidade que se mobiliza para a realização de uma festa tradicional e sincrética como a do Divino, em que o imperador daquele ano não é representante das famílias abastadas da cidade, mas um morador de algum assentamento nos arredores.

Os estudos culturais têm uma particular preocupação com o que se passa no âmbito do popular. Com essas imbricações do urbano e do rural, do folclórico e erudito, com presença no e do massivo. Certeau “[...] define a cultura popular como a cultura ‘comum’ das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia”.⁹ Em alguns casos, quando se fala de popular nas discussões sobre cultura, está-se referindo à subalternidade, a um cenário de lutas de classes no qual existe hegemonia e resistência. A cultura popular é quase um escudo, uma lança, um motim, seja de forma consciente ou não.

O popular é um misto de forças, é onde toda a pluralidade se apresenta. Contextos culturais tão complexos, como os latino-americanos, apresentam um popular de inúmeros matizes e contrastes. Não se pode falar dele tão somente sob a ótica da resistência, que também se faz presente, mas também como intercâmbio, submissão, diálogo, violência, confusão, multiplicidade. “O povo é composto por classes subalternas, mas não necessariamente só por elas. Há momentos em que ele engloba quase toda a nação”.¹⁰ Assim, o olhar

⁷ Dança e música típicos originados dos escravos africanos.

⁸ *Apud.* ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. . *Cartografias dos estudos culturais – uma visão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 42.

⁹ *Apud.* CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 150.

¹⁰ PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação popular. In: *Comunicação nos movi-*

dos estudos culturais pouca principalmente sobre as confluências e os conflitos. Complementar a isso, existe uma atenção sobre as mudanças nas relações cotidianas causadas pela hegemonia.¹¹

É então sob o olhar das “mediações” e, dentro disto, do “popular”, que esse trabalho se faz presente. A cidade de Natividade – TO, com suas particularidades culturais (e, naturalmente, históricas), foi o ambiente deste estudo de comunicação. Tombada como patrimônio histórico e artístico nacional, sofreu, a partir disto, uma série de modificações em sua rotina. Ao mesmo tempo, esses novos elementos interagem com características locais anteriores, como a tradição secular de confecção artesanal de jóias, que é objeto central deste artigo.

3 Natividade e o Tombamento

Cidade mais antiga do Estado do Tocantins, Natividade foi fundada em 1734 e, segundo VAZ (1985: 11), está relacionada ao nome de Antônio Ferraz de Araújo, sobrinho de Bartolomeu Bueno da Silva, que era conhecido, por causa de seu pai, como Anhanguera. Originada da mineração de ouro, que deixou fortes marcas na cidade e arredores, localiza-se ao pé da serra de Nossa Senhora da Natividade e tem em seus casarios e no traçado das ruas características do estilo colonial. Seu centro histórico (18 alqueires), tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1987, abriga a Igreja de Nossa Senhora da Natividade, Igreja de São Benedito e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que acreditam ter sido inacabada ou que seu teto e parte das paredes ruíram.

Sobre a formação de seu núcleo inicial, Vaz (1985: 11) aponta algumas possibilidades. Um deles é que teria se originado onde estão as ruínas do arraial de São Luiz, no alto da serra de Nossa Senhora da Natividade. Essas ruínas podem ter sido anteriores à Natividade atual. Outra alternativa é que São Luiz tenha sido, por um tempo, contemporânea à Natividade. Pode ser também que São Luis abrigasse apenas os garimpeiros e escravos, enquanto o arraial ficava na encosta da serra. “Das três, a tese mais provável, no entanto, é aquela relativa à coexistência dos arraiais, apoiada em Alencastre, que afirma:

mentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 117.

¹¹ Cf. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 274.

“No norte, ainda continuava a luta dos intendentess, guarda-mores, oficiais e juizes dos arraiais de São Luiz, São Félix e Natividade”.¹²

Até a metade do século XVIII, a produção de ouro em Natividade já havia declinado, passando, então, por um longo tempo de estagnação. Mesmo assim, a construção das igrejas de Nossa Senhora da Natividade, São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ocorreu neste período¹³. Em 1809, para facilitar a administração na região norte da capitania de Goiás e estimular seu povoamento, as comarcas do sul e do norte foram criadas. Enquanto a sede definitiva da comarca de São João das Duas Barras, a comarca do norte, não era construída, Natividade assumiu esse posto. Mudou-se para lá o Ouvidor Theotônio Segurado que ocupou uma casa, hoje localizada na área de tombamento.

Os julgados de Porto Real, Traíras, São Félix, Flores, Cavalcante, Arraias, Conceição e, naturalmente, Natividade estavam compreendidos pela administração de São João das Duas Barras. Contudo a divisão da capitania em duas comarcas não foi suficiente para promover satisfatoriamente o desenvolvimento do norte. Theotônio Segurado reclamava da “[...] falta de assistência da administração pública na região, que só se fazia presente na oneração de tributos; da carência de uma força política representativa e da necessidade de um governo mais centralizado”.¹⁴

A partir dos ânimos de independência dos intelectuais brasileiros que se opunham ao Brasil voltar a ser colônia, idéias separatistas proliferaram-se em São João das Duas Barras. Um governo autônomo do jugo da Comarca do Sul foi criado em 14 de setembro de 1821. Sua sede seria em Cavalcante e a comarca teria seu nome mudado para Palma. Theotônio, contrariando as expectativas dos líderes locais, entretanto, não objetivava independência da Coroa. Suas intenções limitavam-se à autonomia do norte goiano, o que provocou a perda de apoio à causa separatista. Em 1822, Theotônio Segurado afasta-se de seu posto e, após algum tempo de desentendimentos, um novo Governo é organizado pelo Capitão Felipe Antônio Cardoso, que não vem a participar efetivamente de seu quadro.¹⁵

O novo Ouvidor, tenente-coronel Pio Pinto Cerqueira, muda a capital de volta para Natividade. Há muito que a sede havia se estabelecido na vila de

¹²VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Natividade*. Brasília: MEC – Pró-memória. 1985. p. 11.

¹³BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Igreja de Nossa Senhora da Natividade*: restauro do imóvel e elementos artísticos. s.n.t.

¹⁴TOCANTINS, Governo do Estado do. *O Movimento Separatista do Norte de Goiás - 1821 a 1824*. Disponível em: <http://www.portaldocidadao.to.gov.br/index.php?id=79,191,0,0,1,0> Acesso em: 01 mar 2006.

¹⁵ Ibid.

Palma, atual Paranã. Depois, com o movimento independentista, a capital passa a ser Cavalcante, Arraias e, novamente, Natividade. Mas isso custou o enfraquecimento da província. Palma e Cavalcante se mantiveram seguidoras do antigo Ouvidor, que permanecera em Cavalcante. Desta forma, quando o padre Luis Camargo Fleury assume a Comarca do Sul com a intenção de re-unificar Goiás, prende o Capitão Felipe Antônio Cardoso, que mantinha papel importante de resistência, e dissolve o Clube de Natividade, foco que também se opunha à unificação¹⁶. Assim, encerra-se a Comarca da Palma. E “[...] quando Luís Gonzaga, ‘o pacificador do norte’, chegou à região, não encontrou nenhuma resistência organizada que viesse a se tornar obstáculo à realização de seu objetivo”.¹⁷

Após a decadência aurífera nas minas goianas, a agricultura e a pecuária minimizam o desolamento econômico da região. Os canaviais e as rezes que, mesmo proibidos, eram mantidos paralelamente à mineração, passam a ser estimulados pelo Governo. “Tais estímulos prosseguiram ao longo dos anos finais do século XVIII e continuaram pelo século XIX, como se vê nas memórias de Joaquim Theotônio Segurado [...]”.¹⁸ Mas até o ano de 1782, como a política da Coroa em relação às regiões mineradoras era de mantê-las exclusivamente para este fim, o uso das vias terrestres e fluviais era restringido. Também as importações de gado eram proibidas por serem, comumente, conseqüência de sua troca por ouro com as regiões do vale do São Francisco. Todas as medidas para evitar o contrabando do ouro foram, então, tomados pela administração da Capitania. E somente quando a esperança da descoberta de novas jazidas não se fez mais presente, outras possibilidades econômicas foram incentivadas.

Já na década de oitenta de 1700, o ouro nas minas do norte era complementar às atividades econômicas de seus moradores. Em 1783, apenas 19% dos escravos existentes em Natividade estavam empregados na mineração. No mesmo ano, no Julgado de Cavalcante, “reproduziam anualmente 15.000 cabeças de gado e 800 cavalos”. Ibid. p. 273. Desta forma, a Comarca do Norte chega a produzir, em 1804, aproximadamente 80% das reses de toda a Capitania de Goiás e 61% da produção de couro.

Esses fatores todos provocaram modificações na arquitetura de Natividade. As casas eram de tijolo cru, térreas e geminadas, cobertas de telha e com muros

¹⁶ TOCANTINS, Governo do Estado do. *O Movimento Separatista do Norte de Goiás - 1821 a 1824*. Disponível em: <http://www.portaldocidadao.to.gov.br/index.php?id=79,191,0,0,1,0> Acesso em: 01 mar 2006.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992. p. 267.

feitos de pedra ou adobe. Sempre mantendo a sobriedade, característica da arquitetura colonial das regiões de mineração. De onde se buscava apenas a obtenção do ouro e um futuro retorno aos locais de origem. E passam a sofrer influências do estabelecimento de seus moradores no arraial e do dinheiro da pecuária. Currais são adicionados às propriedades e também os pátios de serviço. As igrejas sofrem modificações e são erguidas novas casas.

Ao final do século XIX, Joaquim da Silva, político da localidade, traz da Bahia, da cidade de Barra, profissionais em várias áreas. E, especificamente, pedreiros e carpinteiros para construir seu sobrado na praça.¹⁹ Estes profissionais instalam-se definitivamente na cidade e acabam por formar outros profissionais. Desta forma, não apenas novas casas são construídas como as que permaneceram recebem novos detalhes em suas fachadas e o acréscimo de outros cômodos: despensa, forno e anexos laterais que formam pátios internos.

Os profissionais vindos da Bahia foram o mestre de obras Eduardo, que trouxe consigo Artur Rios, e os mestres carpinteiros Chaves e Joaquim Carpina. Maria Viana e Zélia Pinto Dias, moradoras de Natividade e netas de Joaquim da Silva, dizem que outros mestres, como o ferreiro Cambech²⁰, e também sapateiros e ourives foram trazidos por seu avô.²¹

Os aprendizes de ofício, formados por esses mestres baianos, foram responsáveis por muitas alterações realizadas. O mestre Artur Bomba, discípulo de mestre Eduardo, construiu e alterou várias casas. Dentre elas, algumas são de 1930, outras de 1898. Muitas fachadas receberam adereços de massa ressaltada com motivos florais, filetes, colunas que, apenas com função decorativa, foram sobrepostas nas paredes.

Várias das novas casas construídas nessa época foram edificadas sobre os alicerces de antigas moradias. Outras permaneceram, mas foram alteradas. Então não se pode definir exatamente como colonial a arquitetura em Natividade. São percebidas características dos estilos Art Déco, Neoclássico e Eclético. O prédio da prefeitura, por exemplo, tem detalhes Art Déco, fachada neoclássica e um invólucro colonial.²² São essas misturas todas que fazem singular a arquitetura nativitana. Que faz suas paredes, telhados, o conjunto urbano, as ruínas do alto da serra refletirem toda a história vivida por seus moradores, desde a descoberta das primeiras minas de ouro. Cada detalhe no centro histórico

¹⁹VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Natividade*. Brasília: MEC – Pró-memória. p. 13.

²⁰Não estou certa da forma de escrita do nome.

²¹NONATO, Maria Viana Bezerra; DIAS, Zélia Pinto. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

²²FARSETTE, Paulo Henrique. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos (fita magnética). Natividade, 2006.

forma “[...] um conjunto complexo, mas capaz de exprimir as etapas de desenvolvimento, os estilos de vida dessa sociedade”.²³ Por ser Natividade um exemplar único em sua arquitetura, urbanismo, paisagismo e história que, em 1987, seu sítio urbano foi tombado como patrimônio nacional.

A área sob proteção é aquela através da qual podem ser recuperadas as relações urbanas que permitem compreender a formação do espaço construído no século XVIII e consolidado até meados deste, e que guarda o conjunto de artefatos – edificações, espaços livres, logradouros – compatíveis com a estrutura inicial do núcleo urbano, e que direta ou indiretamente, asseguram a qualidade de vida própria e característica de Natividade aos moradores, comerciantes, consumidores, turistas...²⁴

4 Ourivesaria Tradicional Nativitana

Há décadas a ourivesaria artesanal vem sendo mantida em Natividade. Tanto a confecção de jóias, quanto seu uso, fazem parte da tradição cultural da cidade. Peças feitas em filigrana, como o Coração Português, Coração Nativo, o brinco Flor de Maracujá, são características do trabalho lá desenvolvido. Outras jóias como a “peixa”, o anel escravo, o crucifixo e o relicário são modelos maciços ou feitos com placas trabalhadas de metal.

Não existem informações acadêmicas sobre a ourivesaria tradicional de Natividade. Mas segundo relatos dos moradores e a história da cidade, o mais acertado é que seja um legado português que vem sendo mantido pela abundância de ouro na região, um relativo isolamento cultural de Natividade e o hábito dos mestres-ourives transmitirem o ofício a aprendizes. Desses mestres, alguns foram Bernardino de Sena, Evaristo Pinheiro, Francisco Rodrigues, Altino de Sena, José Luiz, João Milbourges, Leopoldo Hermano, Juvenal Rodrigues, José Fernandes Belo (Mestre Cazuzza), entre outros.

Os ofícios eram ensinados aos jovens da cidade como forma de profissionalização e de garantia de sua perpetuação. Enquanto às meninas eram ensinados o bordado e a arte culinária, aos garotos eram transmitidos os serviços de marceneiro, padeiro, carpinteiro, sapateiro, pedreiro, alfaiate, ourives. O mestre de obras Eduardo, que teve Artur Bomba como discípulo, é um exemplo desse costume. E na ourivesaria, uma referência é Juvenal Rodrigues

²³VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Natividade*. Brasília: MEC – Pró-memória. p. 15.

²⁴BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Legislação de Proteção: Natividade – TO*. Brasília, 1996.

que, aos doze anos, começou a aprender a arte da joalheria. Seu pai pagara ao mestre Antônio Vicente Nunes o equivalente hoje a 14 bois para que o instruisse por um ano. Posteriormente, Juvenal, já mestre, repassou as técnicas para 40 jovens. Dois deles são Uaci Rodrigues e Jesumar Batista, que teve como discípulos Valdeídes Carvalho (Wal) e Abisania Ferreira Gomes (Bisa). Uaci, Jesumar, Wal e Bisa são os únicos mestres-ourives de Natividade atualmente. Mas novos discípulos de Jesumar e outros de Bisa e Wal multiplicam a possibilidade de que esta arte não desapareça. Um risco que há poucos anos se fazia iminente.

Um projeto que surgiu dessa preocupação foi a Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal. Parceria da Associação Comunitária Cultural de Natividade (ASCCUNA) com os ourives Wal e Bisa, as intenções eram ampliar o alcance do ensino das técnicas de joalheria e favorecer garotos e garotas da cidade com o aprendizado de uma profissão.

Wal e Bisa, quando terminaram o primeiro grau, mudaram-se para Goiânia a fim de terminarem o estudos. E como, para se manterem naquela cidade, tinham que trabalhar, buscaram apoio em um ourives de natividade, estabelecido em Goiânia. Jesumar Batista, aprendiz de Mestre Juvenal e primo de Valdeídes, convidou-o para ser aprendiz em sua ourivesaria. Logo depois outra vaga surgiu na oficina e Bisa foi contratado. No ano de 1980 que os dois foram iniciados no ofício de ourives. Confeccionavam jóias de *designs* modernos e pouco artesanais. Com a técnica de fundição chegavam a fazer cinquenta peças iguais em uma hora²⁵.

Passados nove anos, retornaram a Natividade e montaram juntos uma oficina. Continuaram produzindo os mesmos modelos de jóias que faziam em Goiânia e pegaram um ou dois garotos como aprendizes, que, segundo Wal, não chegaram a ter muito empenho.

Wal e Bisa, ao retornarem da capital, não se dedicaram às jóias artesanais de Natividade. Conheciam as técnicas e os modelos tradicionais, mas estavam habituados a confeccionarem os mesmos modelos que fabricavam em Goiânia. Mas de uma parceria com Simone Camelo Araújo, neta de mestre Juvenal, surgiu o projeto da oficina de jóias artesanais. Perceberam que ensinando a ourivesaria aos garotos e garotas de Natividade conservariam uma tradição secular.

Jesumar também contribui para evitar o fim dessa tradição. Além de ter ensinado aos próprios Bisa e Wal, repassou o que sabe a mais quinze garotos. Alguns deles montaram oficinas próprias e atendem parte da demanda

²⁵ CARVALHO, Joaquim Valdeídes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos e Denise Marcela Guimarães. Natividade, 2002. (fita magnética).

da cidade. Segundo Jesumar e o aprendiz da Oficina Mestre Juvenal, Mascarenhas Soares, até um ourives de São Paulo veio procurá-los para aprender a técnica da filigrana. Soares diz que, mesmo sendo a raridade do trabalho desenvolvido em Natividade que faz dele ainda mais atraente, não recusaram ensinar a uma pessoa de fora, porque o ofício de ourives precisa sempre de outras referências e técnicas. E o ourives que quer aprender tem que estar disposto a também ensinar.

A necessidade de renovação na arte da joalheria é o que teria levado Jesumar a elaborar modelos novos, como o anel Celebridade, o anel pedra rendada Nova Geração e o anel Senhor do Bonfim. “O povo gosta de novidade. Você às vezes vai numa festa e tem cinco, seis corações iguais”.²⁶ Segundo aponta, a técnica de cravação, por exemplo, não era utilizada pelos antigos ourives porque não a conheciam. Mas hoje uma peça tradicional, que é o Coração de Filigrana, pode vir acrescida de pedraria, uma vez que Jesumar aprendeu a técnica de cravação quando morou fora de Natividade, e Wal e Bisa também a dominam. Outra jóia à qual pode ser acrescida pedra é a Flor de Maracujá, seja brinco, pulseira ou colar. Maria Viana diz que antigamente a Flor de Maracujá não possuía pedras e que não era feita em filigrana, como é a atual. Sobre não ser de filigrana, Jesumar discorda e diz que um modelo com e outro sem filigrana existiam. Mas a última caiu em desuso. Wal afirma não confeccionar a Flor de Maracujá sem filigrana porque ninguém mais a encomenda.

4.1 A Filigrana

A filigrana é a técnica de utilizar fios de ouro ou prata, tão finos quanto os de cabelo, que entrelaçados e soldados, tal uma renda preciosa, formam peças inteiras ou são aplicados como detalhes em outros objetos. Ela é essencialmente uma técnica da joalheria e característica da arte popular.²⁷ Em Portugal, principalmente nas regiões de Gondomar e Porto, ela é amplamente desenvolvida. Peças de grande complexidade, como caravelas portuguesas, são tecidas em filigrana.

Inicialmente, segundo CARDOSO (1998:14), era usada nos detalhes das jóias, mas com o tempo, por volta da metade do século XIX, passou a formar obras completas. “Sobre um esqueleto ou armação, o filigraneiro teceu, ergueu, armou com fios delicados toda a ‘arquitetura’ da obra”.²⁸ Por um

²⁶BORGES, Jesumar Batista. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

²⁷CARDOSO, Priscila. *Filigrana Portuguesa*. (Porto): Lello Editores: 1998. P. 14.

²⁸Ibid. p. 15.

tempo, em Portugal, a filigrana foi do gosto das pessoas de alta classe social, mas como era desenvolvida pelos camponeses em seu tempo livre e usada como adorno de suas mulheres, começou a ser considerada vulgar. Ao final desse mesmo século, surgem modelos como o coração de filigrana, os crucifixos, os colares de contas, sugerindo que, como o coração de filigrana é uma das jóias mais típicas de Natividade, essa arte não seja tão antiga no local como seria imaginado.

Faço lembrar que Guiomar Nunes cita que seu avô, o mesmo que para lá trouxera o mestre de obras Eduardo, também mandou vir da Bahia outros profissionais: como ourives. Ela própria não dá certeza de sua memória, visto seus 89 anos de idade. Mas Jesumar fala que mestre Antônio Nunes, especializado em filigrana, foi trazido à cidade para fazer jóias, como a coroa de Nossa Senhora da Natividade. Talvez a filigrana tenha sido por ele introduzida na localidade ou no mesmo período de sua chegada, junto às demais inovações arquitetônicas propiciadas pela fase de prosperidade em que vivia Natividade. A carta régia de 1766, que proibia ourives e fiadores de ouro no Brasil para evitar, com essa e outras medidas, os desvios e contrabandos de tal minério, fortalece a possibilidade de o ofício de ourives ter-se iniciado em Natividade exatamente quando o avô de Guiomar foi chefe político na cidade, final do século XIX.

4.2 A “Peixa”

Outra característica da joalheria nativitana é a “peixa”. Símbolo das nativitanas, principalmente das que saíam de sua cidade para estudar, era usado para que as professoras e colegas soubessem de onde vinham. Outro significado não lhe foi dado pelos moradores de Natividade. Das pessoas entrevistadas, apenas Simone Camelo Araújo atribuiu-lhe sentido religioso. O peixe, *ictus*, em grego, tem um simbolismo cristão. As letras da palavra em grego formam as iniciais de Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador²⁹. Mas se a “peixa” de Natividade em algum momento teve este simbolismo, hoje, para os moradores do centro histórico, caracteriza as nativitanas.

A “peixa” foi uma jóia muito conhecida no Estado há quarenta anos. Joalheiros se mantinham nas regiões de mineração ou peregrinavam pelas cidades vendendo os pingentes e brincos articuláveis em forma de peixe. Wal diz que além de feita com ouro, essa jóia era confeccionada pelos antigos ourives com cabeça e rabo de prata e corpo de madrepérola. Não foi sabido da “peixa” em

²⁹ARQUIDIOCESE DE POUSO ALEGRE. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Pastoral Bíblico-Catequética, *Catequese em Preparação para Primeira Eucaristia*. s.nt. p. 14.

outros lugares do Brasil. É possível que tenha sido conservada apenas em Natividade. Através de um antigo morador de Pedro Afonso - TO, sargento Berto Francisco dos Santos, fez-se ciência de um ourives que lá viveu, nas décadas de cinquenta a sessenta, e confeccionava a “peixa”. Apesar de tal ourives não viver em Natividade, sua procedência esclarece onde teria aprendido o fabrico de tal jóia. Trata-se do tenente Elpídio Vicente Nunes, da família Vicente Nunes, de Natividade, mesma família do mestre Antônio Vicente Nunes, com quem mestre Juvenal aprendeu a trabalhar o ouro.

A “peixa” é uma peça sobre a qual as únicas referências encontradas fora do Tocantins foram informações por correio eletrônico, do Museu do Ouro de Travassos, de que essa é uma peça ainda produzida naquela região de Portugal, mas com pouca saída comercial, e trechos do romance “Cem Anos de Solidão”, do colombiano Gabriel García Márquez. Em sua obra, Gabriel fala constantemente de pingentes de ouro em forma de peixe confeccionados pelo coronel Aureliano Buendía, personagem que aprendeu sozinho a ourivesaria. Os peixinhos de ouro (pescaditos de oro), como são chamados na obra, possuem características semelhantes à “peixa” produzida em Natividade:

Ficou muitas horas no quartinho enalorado vendo como as duras lâminas de metal, trabalhadas pelo coronel (...), iam-se convertendo pouco a pouco em escamas douradas.³⁰

De modo que começou o segundo peixinho do dia. Estava engatando o rabo quando o sol saiu com tanta força que a claridade rangeu como uma canoa.³¹

Precisava de tanta concentração para engastar escamas, incrustar minúsculos rubis nos olhos, laminar barbatanas e montar nadadeiras que não sobrava um só vazio para encher com a desilusão da guerra.³²

Os fragmentos do romance dão pistas de uma jóia próxima à encontrada em Natividade. O peixinho de ouro de García Márquez possui, assim como a “peixa”, o rabo engatado, escamas feitas com placas de ouro, dispostas em camadas, e nadadeiras montadas ao corpo da peça. Por meio da embaixada da Colômbia no Brasil e de referências sobre seu livro “Vivir para Contarla”, foi sabido que os adornos produzidos pelo personagem Aureliano Buendía tiveram inspiração nos peixinhos de ouro que o avô de García Márquez produzia, além de que suas jóias também eram articuláveis. Existe ainda, na Colômbia, um

³⁰ MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem Anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 186.

³¹ *Ibid.* p. 256.

³² *Ibid.* p. 193.

povoado famoso por seus trabalhos em filigrana e por produzirem os peixinhos de ouro.³³ E em alguns aspectos, Mompox lembra Natividade: sua arte centenária, o fato de irradiar as técnicas da joalheria tradicional. Mas apesar das semelhanças, o peixinho de Mompox apresenta distinções da “peixa”, como pode ser observado abaixo.



Peixa



Pescadito de Oro

Essa jóia nativitana é tratada, por alguns, também pelo nome de pacu, por ser este peixe da região o mais representado nos pingentes e brincos. Além disso, outras espécies, como a piaba, são simuladas nestas peças.

4.3 Joalheria Tradicional e seus Simbolismos

A joalheria nativitana, hoje apreciada e divulgada de forma vasta pelos veículos de comunicação de massa, parece ter sido, por um tempo, marginalizada. A abundância do ouro na região, e mesmo sua relativa vulgarização, faziam com que as famílias de posses optassem pelo uso de jóias vindas do exterior. “Ouro aqui não valia nada porque, se chovia, menino pegava um vidro e enchia de ouro no meio da rua”, diz Guiomar Nunes.³⁴ Sua filha, Maria Viana, fala que, no tempo de sua mãe, o poder aquisitivo de algumas famílias era bastante considerável e, para se distinguirem na sociedade, buscavam o que não

³³ HAZBÚN, Luis Alfredo Domínguez. *Filigrana Momposina*. Disponível em: <http://www.mompox.info/mompox/es/filigrana.htm>> Acesso em: 10 jan 2005.

³⁴ VIANA, Guiomar Nunes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

era comum. Mas num lugar onde pepitas “brotavam do chão”, ser de ouro não era suficiente para valorizar uma peça. Recorria-se, então, às “jóias vindas do exterior”.³⁵ Guiomar conheceu mulheres na cidade que adornavam os cabelos com pentes de ouro. Essas jóias, contudo, não eram produzidas na cidade.

Talvez em Natividade, como em Portugal, a filigrana fosse associada às classes de menor poder aquisitivo. Por serem mais leves que peças maciças, as jóias de filigrana eram de mais fácil acesso. Hoje, também, na Oficina Mestre Juvenal, a opção dos nativitanos pela filigrana sofre influências estéticas e econômicas. Com pouco ouro ou prata é possível confeccionar um coração grande de filigrana. O volume da peça é dado por sua armação, o interior é oco e sua estrutura aerada.

O ouro em Natividade era ostentado por quem assim o podia. Maria Viana conta que quase toda nativitana possuía um crucifixo com cordão, que juntos pesavam 28gr. Outra jóia pesada era o relicário. Apesar de ocos, pois são produzidos como em concha, de modo a se fecharem e abrirem, eram grandes em tamanho. E quando um homem queria impressionar sua pretendente, presenteava-lhe um relicário com um bilhete dentro.³⁶ O colar de contas, mais delicado, era dado às moças quando completavam quinze anos. Já em relação à pulseira escrava, é dito que seu número de voltas é associado ao número de filhos que a mulher vai ter. Quanto mais voltas, maior sua fertilidade.³⁷

Nas festas tradicionais, as jóias eram e são abundantes. “Eu era menino e lembro daqueles coronéis que usavam aquelas jóias bonitas, aqueles relicários, aqueles crucifixos grandes, aqueles anelão. Tudo eles usavam nas festas”. Indagados sobre as jóias tradicionais, no entanto, os habitantes do centro histórico, em sua maioria, dizem não as possuem. Os que confirmam sua posse, procuram mantê-las em segurança em cofres de banco. Essas jóias tradicionais, além de seu valor em peso, são estimadas emocionalmente. Algumas confeccionadas por mestre Antônio Nunes e, a maioria, por mestre Juvenal, são passadas de herança entre as gerações. Wal diz que algumas de suas encomendas são de mães que possuem duas filhas, por exemplo, mas só uma jóia de família. Então lhe pedem para reproduzir seu modelo, de modo que as duas filhas levem consigo tal memória familiar. Algumas funções são assumidas pelas jóias artesanais em Natividade. Uma delas é a de “tradição”: tradição familiar, tradição nativitana. São lembranças dos avós, dos pais e as

³⁵VIANA, Guiomar Nunes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

³⁶BORGES, Jesumar Batista. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

³⁷LEÃO, Inara Gomes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006.

serão para seus filhos. Um elo que liga uma geração à outra, dando densidade histórica às relações familiares. Também há o sentimento de ser mais nativitano quem as possui. Jóias que só ali são confeccionadas e identificam como da região as pessoas por elas adornadas. Ostentação é outro dizer no uso das jóias. Nos festejos, mesmo havendo o risco de roubo, os corações, crucifixos, flores de maracujá, “peixas”, anéis e pingentes “pedra rendada” são expostos nos pescoços, dedos, orelhas, braços. Na festa da padroeira, em 2005, foram mais de cem peças diferentes que pude contar em uma manhã. Todas de ouro, que é preferido por sua durabilidade e evidência. Wal fala que a opção por esse metal é que, quando alguém decide comprar uma jóia, ela quer “algo pra valer”.³⁸ E a escolha pela prata se dá por seu baixo custo.

Um costume que se relacionava à prata era que, nas cidades de Peixe e Natividade, anéis bentos eram vendidos ou doados na sexta feira da paixão. Os ourives os levavam para o padre benzer e, depois, vendiam seus vários tipos. O modelo não tinha relevância, importante era que fossem de prata. Mas o porquê da prata ou o motivo dessa tradição ter acabado Maria Viana e Guiomar Nunes não souberam explicar. Simone Camelo Araújo contesta que os anéis já fossem benzidos antes de serem postos à venda. Ela diz que os anéis eram levados pelas pessoas que os compravam para serem benzidos pelo padre.

A feminilidade é um atributo que essas jóias também comunicam. Em sua maioria de uso exclusivo das mulheres na sociedade nativitana, tem como exceção o crucifixo, os cordões, pulseiras sem detalhes e os anelões (anéis espessos). Para as mulheres, algumas jóias são mais adequadas para o uso de senhoras: como os corações, as “peixas”, as pedras rendadas, a pulseira escrava, o anel escravo. E outrora, por mais que soe estranho, a joalheria tradicional pode ter sido um signo “dos pobres” em Natividade.

5 A Ourivesaria Tradicional e o Tombamento

Para a joalheria nativitana, o tombamento e o turismo dele conseqüente têm aspectos positivos. Estimulam o aperfeiçoamento técnico na confecção das jóias e o resgate dos modelos tradicionais. A renda gerada mantém, em um padrão econômico razoável, aproximadamente quinze ourives, dentre os mestres e aprendizes em atividade. Do total de vendas efetuadas na Oficina Mestre Juvenal e por Jesumar Batista, 80% são aos turistas e demais pessoas de fora de

³⁸CARVALHO, Joaquim Valdeídes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

Natividade. Alguns desses consumidores foram o cantor Leonardo e o jornalista Maurício Kubrusly.

As jóias variam de preço conforme a cotação do ouro e da quantidade desse metal ou prata utilizada. O brinco adulto Flor de Maracujá custava, no mês de fevereiro deste ano, aproximadamente R\$ 200,00. O brinco Cachinho de Uva, por volta de R\$ 80,00; um pingente de “peixa” sai por mais de R\$ 300,00; uma pulseira escrava com três carreiras, R\$ 2.350,00 e um coração de filigrana, aproximadamente R\$ 450,00. O preço do ouro dificulta o acesso dos nativitanos às jóias. Muitos deles, principalmente as mulheres, desejam possuir pelo menos um dos modelos típicos. O coração de filigrana é o mais citado dentre as entrevistadas. O pouco poder de compra de seus habitantes, contudo, não lhes dá “condições de viver vaidade”³⁹ ou qualquer outro simbolismo atribuído à posse das jóias. Assim, alternativas são criadas pelos moradores para aproximarem de si estes signos. Um exemplo é Marcionete Ribeiro, que possui de bijuteria a cópia de um coração de filigrana. E Irene Nepomuceno presenteou uma sobrinha com o brinco Flor de Maracujá. Mas para que a moça tivesse uma jóia nativitana, Irene disse que teve de fazer alguns sacrifícios econômicos.

Nessas circunstâncias, o turismo gerado pelo tombamento é o que ajuda manter viva a joalheria tradicional. Sem os compradores de fora, talvez apenas Wal, Bisa e Jesumar estivessem trabalhando de forma contínua. Já que Uaci se mudou para Palmas e não pratica a joalheria com a mesma frequência. Outras possibilidades que dinamizam a ourivesaria são publicações em periódicos, calendários, cartões telefônicos, documentários e matérias televisivas, um *site* de divulgação da Ourivesaria Mestre Juvenal e a consultoria de um *designer* de jóias para definir coleções e elaborar novos modelos.

5.1 Tradição e Mercado

Estes acontecimentos podem provocar dúvidas sobre haver vantagens, decorrentes do tombamento, para a joalheria tradicional. Até que ponto essa tradição sofreu alterações? A contratação de um profissional para desenvolver *designs* de jóias baseados num fenômeno da comercialização em massa do artesanato: a coleção Capim Dourado; ou a coleção Iconografia, inspirada nos detalhes arquitetônicos do casario, pode ser vista de modo negativo. É uma interferência provocada por uma necessidade de inserção no mercado nacional de joalheria. Assim como a organização dos modelos típicos em coleções: como a coleção Coração, coleção Divino, coleção Flor de Maracujá. São modificações que

³⁹ PINTO, João Carlos. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

partem de uma lógica de mercado. Mas quanto de tudo isto interveio no modo nativitano de confecção de jóias?

Um exemplo pertinente para este debate é a “peixa”, que de cada artesão recebe detalhes próprios de produção. A “peixa” de mestre Juvenal, de mestre Jesumar, de mestre Wal, mestre Uaci, ou mestre Bisa são distintas. O trabalho artesanal garante que nenhuma peça do mesmo artesão seja igual a outra. Menos ainda se compararmos as jóias de diferentes ourives. Então, uma “peixa” produzida hoje é como a de quatro ou cinco décadas atrás? O coração de filigrana, por exemplo, já não o é mais. Afinal, a técnica de cravação foi introduzida em seu fabrico. Mesmo um dos modelos de coração considerados tradicionais, parece que resulta de mudanças de outro exemplar. O Coração Nativo foi citado por Dândara Bispo como tendo sido criado por mestre Juvenal.⁴⁰ Dândara é filha de Uaci, discípulo de mestre Juvenal. Mas essa informação não foi possível de ser conferida com o próprio Uaci Rodrigues.

Em relação a quem deve ser feita a avaliação do quanto as jóias e técnicas foram modificadas? A “peixa” hoje produzida, por exemplo, ainda é parecida com a de mestre Juvenal. Principalmente se comparada aos *pescaditos de oro* da cidade de Mompox, na Colômbia. Outra coisa, é que a filigrana ainda é produzida artesanalmente. O ouro que chega das minas dos arredores de Natividade é fundido e passado manualmente nas feiras até que se chegue à espessura desejada dos fios. Mas já existem máquinas de fabricação em série da filigrana: “Esta máquina, inventada e comercializada pelos italianos, destina-se a produzir peças em filigrana, diríamos que em doses industriais, ‘ao metro’, para alimentar o turismo”.⁴¹ E se compararmos aos métodos mais antigos da ourivesaria em Natividade, pode-se dizer que o que é feito hoje na cidade também está sob considerável distância. Afinal os antigos ourives “soldavam com a boca, com azeite, eles não tinham recursos”.⁴² Enquanto na Ourivesaria Mestre Juvenal, apesar de artesanal o trabalho desenvolvido, são utilizadas algumas ferramentas importadas.

5.2 Manutenção da Memória

Outro exemplo a ser citado sobre a influência de Natividade ser um bem nacional na história da joalheria nativitana, é o da coroa de Nossa Senhora da Natividade, elaborada por mestre Antônio Vicente Nunes. Há cerca de cin-

⁴⁰FARIAS, Dândara Bispo Rodrigues. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

⁴¹CARDOSO, Priscila. Filigrana Portuguesa. (Porto): Lello Editores: 1998. p. 100.

⁴²CARVALHO, Joaquim Valdeídes. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos e Denise Marcela Guimarães. Natividade, 2002. (fita magnética).

qüenta anos, algumas pessoas vindas de teco-teco chegaram na cidade e pediram a Belarmina Araújo, esposa de mestre Juvenal, para verem as jóias que ornamentavam a santa. Ela, responsável por sua guarda, mostrou-lhes todo o possível. Em Natividade, “todo mundo pensava que todo mundo era honesto. Porque aqui o pessoal era muito honesto”.⁴³ Mas a coroa de meio quilo de ouro, confeccionada por um dos mais importantes ourives da cidade, foi por eles roubada. Algum tempo depois, mestre Juvenal fez uma outra coroa para a santa. Esta, de 250gr. No entanto, mesmo que a quantidade de ouro empregada tivesse sido igual ou maior que a jóia anterior, o valor imaterial perdido só seria recuperado com o retorno da peça produzida por Vicente Nunes. Desta forma, o tombamento do centro histórico de Natividade aumenta os cuidados tomados com o patrimônio que também é parte do passado da ourivesaria tradicional.

6 Bibliografia

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de (1987). *Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Pró-Memória.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte (2000). *Escravidão negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739 – 1800)*. Goiânia: Kelps.

Arquidiocese de Pouso Alegre. Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Pastoral Bíblico-Catequética, *Catequese em Preparação para Primeira Eucaristia*. s.nt.

BELLI, Gioconda. *Vivir para contarla*. Disponível em: <http://archivo.elnuevodiario.com.ni/2003/marzo/15-marzo-2003/cultural/cultural8.html> Acesso em: 21 fev 2006.

CARDOSO, Priscila (1998). *Filigrana Portuguesa*. (Porto): Lello Editores.

CUCHE, Denys (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (2001). *Cartografias dos estudos culturais – uma visão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica.

HAZBÚN, Luis Alfredo Domínguez. *Filigrana Momposina*. Disponível em: www.mompox.info/mompox/es/filigrana.htm Acesso em: 10 jan 2005.

⁴³ BORGES, Jesumar Batista. Entrevista concedida a Cláudia Borges dos Santos. Natividade, 2006. (fita magnética).

- JÓIAS RARAS.<http://www.joiasraras.com/historia.asp> Acesso em: 14 nov 2003.
- LARAIA, Roque de Barros (2003). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MARCONI, Marina de Andrade (2001). *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas.
- MÁRQUEZ, Gabriel García (2004). *Cem Anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Record.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2003). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (2000). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1996). *Legislação de Proteção: Natividade – TO*. Brasília, s.n.t.
- MUSEU DO OURO. *A Ourivesaria*. Disponível em:
<http://www.museudoouro.com/index.htm>
Acesso em: 8 nov 2004.
- MUSEU DO OURO. *O Ouro*. Disponível em:
<http://www.museudoouro.com/index.htm>
Acesso em: 8 nov 2004.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação popular. In: *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de (1992). *Economia e escravidão na capitania de Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) (2004). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.
- TOCANTINS, Governo do Estado do. *A Criação da Comarca do Norte – 1809*. Disponível em:
www.portaldocidadao.to.gov.br/index.php?id=79,191,0,0,1,0
Acesso em: 01 mar 2006.

_____. *O movimento separatista do norte de goiás - 1821 a 1824.*

Disponível em:

www.portaldocidadao.to.gov.br/index.php?id=79,192,0,0,1,0

Acesso em: 01 mar 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação dos mediadores ativistas nas redes de comunicação cotidianas do local.* Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-televisao-outra-coisa.html#foot1496> Acesso em: 27 jan 2006.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho (1985). *Natividade*. Brasília: MEC – Prémémória.